

**Resenha**

**Televisão: formas audiovisuais de ficção e de documentário - Volume IV**  
(BORGES, Gabriela; GOSCIOLA, Vicente; VIEIRA, Marcel (Orgs). Faro e São Paulo:  
2015. 176 p.)

Melissa FONTENELE<sup>1</sup>

Os estudos de televisão têm se expandido no Brasil. Se antes o meio era percebido na academia apenas por seus aspectos e repercussões sociais, atualmente podemos dizer que o leque se abriu para novas e vastas possibilidades. Um dos exemplos dessa amplitude é o livro **Televisão: Formas Audiovisuais de Ficção e de Documentário**, que teve seu quarto volume lançado em 2015 em formato de *e-book* com objetivo de fortalecer a análise dos produtos televisivos em si – telefilmes, seriados, documentários e afins. Esta edição, organizada pela pesquisadora Gabriela Borges e pelos pesquisadores Vicente Gosciolo e Marcel Vieira, é resultado do XVIII Encontro Internacional da Sociedade Brasileira de Cinema e Audiovisual, ocorrida na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) em 2014.

O livro reúne artigos dividido em três seções: Teorizando a Televisão; Interferências: televisão e *web*; e Ficção: novelas, séries e minisséries. Ao apresentar trabalhos que compartilham o meio televisivo enquanto objeto de estudo, o volume consegue criar um debate sobre as práticas, as especificidades, a interdisciplinaridade e intertextualidade de um campo tão extenso quanto complexo. Dessa forma, são apresentadas reflexões acerca de conceitos e suas origens, análises sobre o que ocorre na produção seriada na tevê e nas plataformas de *streaming*, além de questões sobre a narrativa transmídia e a cultura participativa.

Na primeira seção do livro, o destaque é o artigo “Entre a *Quality TV* e a complexidade narrativa”, de Marcel Vieira. O pesquisador faz um mapeamento histórico destes dois conceitos amplamente dissecados nos estudos sobre séries televisivas de ficção e reflete criticamente como estes podem ser usados como

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB. Integrante do Grupo de Produção e Pesquisa em Ficção Seriada (GRUFICS). E-mail: melissa.fontenele@gmail.com

estratégias de legitimação do campo. Os principais trabalhos que surgem na discussão levantada por Vieira são dos pesquisadores norte-americanos Robert J. Thompson (1997) com o livro “*Television Second Golden Age*”, no qual o autor lista doze características que ajudariam a definir o que é *Quality TV*; e Jason Mittell (2012), criador do conceito de complexidade narrativa enquanto uma ferramenta de análise das séries ficcionais. É necessário lembrar que nesta resenha não há espaço para explicar os conceitos de forma profusa, contudo é interessante compartilhar as inquietações lúcidas de Vieira para aqueles que buscam um caminho de análise. O autor orienta buscar não só nos pensamentos já consolidados, mas também “nos rastros abandonados no percurso, nas aleias e nas sendas que se cruzam nesses caminhos bifurcados os rumos que nos levem a entender as séries televisivas de hoje” (p. 25).

Vale destacar que a discussão sobre complexidade narrativa permeia todo o livro. Os artigos “Produção seriada para múltiplas plataformas: *Arrested Development* e *Netflix*”, de João Massarolo, e “Os universos ficcionais transmídia e a cultura participativa. Análise da complexidade narrativa de *O Rebu* e sua repercussão no *Twitter*”, de Gabriela Borges e Daiana Sigiliano, ambos inseridos na segunda parte da obra, são norteados pelo conceito proposto por Mittell. No primeiro, Massarolo procura verificar se foi a narrativa complexa da série de comédia *Arrested Development* (2003-2013) que contribuiu para o ativismo dos fãs na plataforma de *streaming* Netflix. Neste caso, o autor explica que usuários, fãs e/ou espectadores estão no mesmo polo das emissoras televisivas e, por isso, podem ser vistas como agentes que participam e interagem de acordo com as novas regras das séries produzidas para multiplataformas. Ou seja, “a circulação de séries pelas plataformas é parte importante do movimento da ‘cultura ligada em rede’, na qual o valor e o significado da obra são criados entre os membros de um agrupamento.” (p. 67).

Borges e Sigiliano também utilizam o conceito de complexidade narrativa como ponto de partida do artigo, motivadas, no entanto, em discutir elementos relacionados à cultura participativa e a criação de universos ficcionais transmídia. Assim, ao tomar como objeto de estudo o *remake* da novela *O Rebu*, exibida pela Rede Globo em 2014, as autoras perceberam que houve um engajamento do público no Twitter ao ponto de subverter o universo ficcional da narrativa, além de expandir a experiência do próprio consumidor com o meio.

Já na terceira e última parte do livro, o leitor é levado para outra tela que não a do computador. Isso porque, neste momento, as atenções se voltam para as séries, novelas e minisséries feitas e exibidas originalmente para a televisão nacional e internacional sem interferência direta da *web*.

O artigo de Renato Pucci intitulado “A inteligência na televisão: os casos de *C.S.I. Las Vegas* e *Dr. House*”, traz uma sólida contribuição para a já recorrente ideia de que a tevê não é mais composta apenas por entretenimento barato e superficial. Com a finalidade de observar as representações da inteligência na ficção televisiva através de duas séries norte-americanas do gênero investigativo, o autor analisa elementos presentes nos diálogos, na narrativa e na composição audiovisual. A conclusão do pesquisador é, então, a de que algumas produções seriadas – mesmo que ainda estejam em menor número na televisão – criam e levam ao espectador questionamentos e subjetividades agregando um maior grau de inteligência à narrativa, ou seja, o observador “não é mais visto como neutro” (p. 131).

Se Pucci aborda a inteligência na ficção televisiva estadunidense, Simone Maria Rocha e Matheus Luiz Couto Alves trazem à tona a novela brasileira e sua posição politicamente crítica. Em “Pode o realismo maravilhoso figurar temas da política contemporânea? A política da diferença em *Saramandaia*”, os autores abordam a temática da liberdade e da diferença nas versões de 1976 e 2013, respectivamente, e como os recursos estilísticos são utilizados para expressar esses tópicos na narrativa. Enquanto leitor, é interessante perceber como o trabalho convida a refletir sobre questões tão intrínsecas na nossa cultura. Segundo Rocha e Alves, em 1976 a novela teve a intenção de lançar luz a opressão causada pela ditadura militar em curso no país usando o realismo maravilhoso como forma de esquivar-se da censura. Em 2013, o caráter político aparece de outro modo, por meio da política da diferença em que “muitos oprimidos [...] não conseguem viver de forma plena enquanto não tiverem suas diferenças reconhecidas e respeitadas” (p. 147).

O “maravilhoso” continua em pauta no último artigo do livro. Contudo, em “A pergunta de *Capitu*. Anti-ilusionismo em Luiz Fernando Carvalho”, Mariana Nepomuceno percebe *Capitu*, minissérie baseada na obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis e exibida pela Rede Globo em 2008, como uma metáfora da versão literária ou, nas palavras da própria autora, “como forma de questionar a própria ideia de arte

mimética que estamos habituados a assistir na TV, mas que nem sempre buscamos nos livros” (p. 159). Isso porque a produção utiliza descaradamente um tom artificial, onírico, delirante. Ou seja, há a “valorização do inverossímil” já apontado por Roland Barthes em seu célebre trabalho sobre o efeito de real.

Ao fim da leitura, é perceptível que a obra é obrigatória para pesquisadores do campo em todo o país. Os autores e autoras trazem conceitos, análises, discussões e reflexões sobre as recentes configurações dos produtos seriados contemporâneos através de uma linguagem acadêmica e ao mesmo tempo crítica. Embora alguns trabalhos se mostrem mais maduros do que outros, é relevante destacar a importância de publicações que abrem espaço para novos pesquisadores e percepções culturais. Dessa forma, *Televisão: formas audiovisuais de ficção e de documentário*, assim como os volumes anteriores da coleção, fortalece os estudos televisivos enquanto levanta mais questionamentos sobre os rumos da televisão do Brasil e do mundo.